

# Da Utopia 4.0 ao Caos da mão invisível: a pandemia tecnológica

POR PAULA ANDREA GRAWIESKI CIVIERO E RICARDO SCOPEL VELHO

*Professora do Campus Rio do Sul do IFC. Doutora em Educação Científica e Tecnológica/UFSC.*

*paula.civiero@ifc.edu.br*

*Professor do Campus Rio do Sul do IFC. Doutor em Educação/UFSC.*

*ricardo.velho@ifc.edu.br*

## RESUMO

O artigo tem por objetivo problematizar a relação entre a assim chamada revolução 4.0 e a atual situação da pandemia do COVID-19, dando ênfase ao caos existente na saúde e da educação pública brasileira. Os elementos de análise são fundamentados na perspectiva de uma crítica social das ilusões advindas de uma concepção salvacionista da tecnologia e de uma ilusão iluminista na educação. Também elencamos as diferentes perspectivas de atuação nas atividades remotas de ensino nesse contexto. Por fim, faz-se uma crítica ao princípio mercadológico estabelecido e afirma-se a necessidade da construção de outra sociabilidade baseada na solidariedade do “bando comum”.

## 1. A vida imita a arte

No filme de ficção “Alice no País das Maravilhas”, Alice escorrega e cai num mundo caótico, totalmente desconhecido. Um mundo absurdo que ela vai tentando absorver e entender, por mais que pareça muito estranho. No meio do caminho encontra um gato, muitas vezes invisível. A ele, Alice pergunta como faz para sair daquele lugar. O gato muito sábio devolve dizendo que depende de onde ela quer ir. Alice, meio perdida com tudo aquilo, diz que onde ir não tem importância. E o gato, sagazmente, retruca que então não tem importância o caminho que ela tomar. Sem saber que rumo seguir, Alice prossegue até ser condenada à morte por uma rainha louca. Aí ela acorda, era apenas um sonho.

Mas, aqui no mundo real, 2020 não é um sonho e não acordaremos de uma hora para outra, podendo seguir a vida como se nada tivesse acontecido. Na verdade, nada será como antes.

Uma crise econômica, acirrada por um vírus que mata sem distinção. O mundo todo lutando para salvar vidas e alguns insistindo em salvar suas riquezas e, por sua vez, tomando para si as armadilhas do capital. A utopia de uma sociedade de ultra tecnologia que sobrevive sozinha caindo por terra.

No Brasil, vivemos um pesadelo constante e permanente. Um mundo surreal, onde situações nunca aceitáveis agora são aplaudidas. Uma realidade inebriada pela ideologia capitalista, cuja economia e a garantia dos lucros sobressai às vidas. Range-mos os dentes diante da estupidez, mas estamos de mãos atadas, escondidos atrás de máscaras e embebidos em álcool em gel.

**palavras chave:**

**tecnologia,**

**educação,**

**equação**

**civilizatória.**

Lá fora, mortes, corpos amontoados em valas comuns e despedidas a distância se acumulam, como se fosse parte de uma normalidade. Temos no comando uma rainha louca, gritando “cortem as cabeças”. Aqui se repete o comando e seguimos escorregando em direção ao caos. Como se estivéssemos num sonho maluco, imprevisível e absurdamente impensável. Entretanto, esse não é um sonho, é a nossa realidade.

Temos vidas dilaceradas pela manutenção da economia num movimento incessante e insaciável de valorização do valor, isto é, do Capital. As duas classes sociais fundamentais na sociabilidade mercantil – Capitalista e Proletariado –, mais uma vez se enfrentam com objetivos antagônicos: a vida ou os lucros.

Então, qual o caminho a seguir? É preciso problematizar alguns elementos antes de responder. Para tanto, temos como objetivo neste artigo questionar os rumos dessa sociedade e provocar uma reflexão crítica sobre o caos provocado pela mão invisível do mercado. Tomamos como fio condutor a ingênua concepção de que o avanço tecnológico é a salvação necessária à equação civilizatória, perpassando alguns elementos da sociedade como o sistema de saúde, a educação pública e as atividades remotas como único recurso para as escolas.

## 2. Para onde nos leva o avanço tecnológico?

De repente, o “dia em que a terra parou” de Raul Seixas, que se considerava apenas uma letra de música utópica, virou realidade. São dias de parar, de reaprender a conviver e, se possível, refletir e criticar tudo o que se fazia até então. Isso em meio a tantas tarefas realizadas de forma remota, o chamado *home office*.

Ora, saímos buscando um jeito de continuar, de se mostrar importante. Nesta hora, mais do que nunca, a tecnologia se mostrou a saída para acionar o trabalho remoto - para todas as necessidades, uma solução tecnológica encontrada. Até parece que estavam prontas, só esperando o momento certo.

Uma grande parte das atividades laborais foi convertida por meio de tecnologias digitais. Por isso, é importante olhar para a tecnologia não apenas como um aparato, mas como volição humana - isto é, ação de escolher ou decidir.

Para iniciar essa abordagem, se faz necessário assumir que o mundo está completamente mercantilizado, globalizado e *tecnologizado*. Por sua vez, as tecnologias são cúmplices dos maiores desafios atuais.

A tecnologia manifesta-se antes de tudo na forma de objetos, vale dizer, “todos os artefatos materiais fabricados pelo homem cuja função depende de uma específica materialidade enquanto tal” (MITCHAM, 1994, p. 161). Assim, um aparato pode ser qualquer objeto, desde as roupas que nos vestem e protegem, ferramentas de agir como as letras, a linguagem matemática e seus algoritmos, ferramentas de transformação da natureza.

Dessa forma, o planeta inteiro, na medida em que é cada vez mais modificado pela ação humana, pode ser enxergado como um grande artefato (CUPANI, 2016). Nesta ótica,

Se não entendermos como as tecnologias complexas funcionam, como os sistemas tecnológicos se interconectam e como os sistemas de sistemas interagem, ficamos impotentes dentro desses sistemas, e o potencial que eles têm é aprisionado de maneira ainda mais fácil pelas elites egoístas e por corporações desumanas. (BRIDLE, 2019, p. 11).

Cada vez mais, se faz premente entender para onde nos leva o avanço tecnológico. O cenário atual de pandemia causada por um vírus letal desvela algumas implicações tecnológicas, mas também ajuda a entender ao interesse de quem estão tais avanços.

Algumas soluções tecnológicas foram criadas especialmente como tentativa de contribuir para superar a atual situação. Foram desenvolvidos aplicativos para auxiliar não só as autoridades, mas os próprios cidadãos, a monitorar o vírus. São exemplos o aplicativo que avisa por celular quando alguém testa positivo para a Covid-19 num raio de duzentos metros de sua moradia, ou os chamados *checkpoints* acionados com a medição de temperatura das pessoas, ou ainda o uso, como se faz na China, de um *QR Code* nos aparelhos celulares com dados que identificam se o proprietário testou positivo para a Covid-19.

Mas a tecnologia isolada de outros elementos essenciais de nada adianta. Para alimentar tais aplicativos são necessários os resultados dos testes de Covid-19. Ao olhar para o Brasil, evidencia-se que os testes realizados são em números irrisórios para manter o sistema. Mais uma excelente ideia que fica à mercê da realização dos testes, que, por ora, não acontecem.

Esse é apenas um exemplo que mostra que a tecnologia é dependente dos interesses políticos e econômicos. Assim, as pesquisas que promovem o avanço tecnocientífico não são neutras. Pelo contrário, estão condicionadas aos interesses de um poder hegemônico. Tais aplicativos são sustentados por algoritmos que capturam, cada vez mais, nossos dados e que podem servir de moeda num mercado proeminente. Do mesmo modo que podem promover maravilhas, também promovem horrores.

Em relação a captura dos dados digitais, deve-se ter a preocupação com o direito à privacidade. O que serão feitos com esses dados após a pandemia? Controle absoluto do que fazemos, por onde vamos e o que consumimos?

Na China, onde um aplicativo deste tipo foi colocado em ação, as pessoas o consultam mais, antes de sair de casa, do que os aplicativos para verificar o clima. A vigilância se instala, como as *teletelas* descritas por George Orwell no clássico 1984.

Em meio a pandemia, outras tecnologias também foram colocadas em ação: impressoras 3D para produzir equipamentos de segurança para os trabalhadores da saúde, álcool em gel produzido em lugares nunca pensados para isso. Costureiras passaram a confeccionar artesanalmente máscaras, e muitas delas viram nessa situação a oportunidade de ganhar o pão.

O cenário faz com que mude a mercadoria da vez, mas não se questione a matriz dessa forma social. O capital desenterrou a versão médica da reconversão industrial antes usada apenas em guerras.

Deleuze, já em 1990, alertava sobre o verdadeiro potencial das tecnologias:

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as

máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte. (DELEUZE, 1990, *apud* MOROZOV, 2018, p. 42).

Com essa dimensão, não há como não introduzir a política e a economia nessa discussão. O debate digital, por si só não basta, ele pode nos conduzir a um equívoco. Sabemos falar sobre as ferramentas tecnológicas, mas não ampliamos o olhar para os “sistemas sociais, políticos e econômicos que são viabilizados ou inviabilizados, ampliados ou atenuados por essas mesmas ferramentas” (MOROZOV, 2018, p. 41).

Nesse cenário, trabalhos remotos se intensificaram, profissionais de distintas áreas se viram obrigados a se conectar, virar blogueiros, produzir *lives*. As reuniões digitais foram acionadas de modo a atingir mais de 500 milhões por dia apenas nas duas maiores plataformas, *Zoom* e *Google Meet*. Aprisionados diante da telinha, seguimos, aliviados por existir essa tal tecnologia digital para que nos sentíssemos ocupados e úteis, unma rotina que muda o comportamento dos trabalhadores.

A inovação tecnológica tem sido fulcral para lidar com essa crise. E certamente continuará sendo uma ferramenta importante. Mas é preciso saber até que ponto essas ferramentas são benéficas, pois a depender das relações sociais que elas exprimem tem-se algumas consequências.

Sob as relações capitalistas, sabemos que as máquinas entram na produção para aumentar a produtividade e diminuir os preços de mercado. Deriva disso que há uma economia de trabalho vivo, ou seja, são perdidos postos de trabalho. No caso em tela - a pandemia durante uma crise econômica-, as empresas não estão pensando duas vezes antes de demitir trabalhadores ou aumentar sua exploração.

Assim, as saídas da crise pela chamada ‘revolução 4.0’ na verdade se mostram uma grande solução para a crise econômica, para os capitalistas. Por desdobramento dessa lógica, transforma-se numa enorme tragédia para a classe trabalhadora - por um lado com a exposição ao vírus e a morte de milhões, por outro lado com o aumento agudo das horas trabalhadas, gerando mais capital para os patrões.

### **3. Afinal, onde está a revolução 4.0?**

Em 2006, Schwab proclamou a chegada da quarta revolução industrial. Segundo o autor, diferente de tudo que a humanidade já experimentara. Novas tecnologias fundindo os mundos físico, digital e biológico de forma a criar grandes promessas e potencialidades, mas também muitos perigos.

A velocidade, a amplitude e a profundidade da evolução, com a superação da revolução digital, estão mudando o comportamento social. Tais mudanças transformam a realidade e por conseguinte conformam uma ‘sociedade 4.0’. Nesse tempo, se exige uma postura não conformada e questionadora dos tempos futuros. Questionar a economia, a justiça social, saber como as organizações criam valor e por consequência o que é ser humano nessa equação civilizatória. Muitos falam das fábricas escuras que não mais precisarão da força de trabalho. Que maravilha se fosse assim, o isolamento social estaria garantido.

Mas não é bem assim. A tal revolução ainda não chegou – e nem vai chegar tão cedo, pelo menos na vigência do sistema capitalista. Os trabalhadores são essenciais, sem eles não há como manter o ciclo vicioso em funcionamento. São eles que produzem toda a riqueza, logo, não podem ficar em casa. É preciso continuar sugando as suas vidas, mesmo que o noticiário avise o tempo todo “Fique em casa!”. – Mas como? -, se perguntam os trabalhadores pelos corredores das fábricas, nas ruas, nas fazendas, nos bancos. Os patrões querem manter as atividades e até fazem os trabalhadores se manifestarem dizendo que querem trabalhar. De um lado, os assalariados que precisam sobreviver, de outro os empresários que precisam lucrar mais e mais.

Nesse ínterim, a classe trabalhadora fica à mercê de um enquadramento funcional ou o descaso do desemprego. De acordo com Schwab:

Há cerca de dois campos opostos quando se trata do impacto de tecnologias emergentes no mercado de trabalho: aqueles que acreditam em um final feliz – os trabalhadores deslocados pela tecnologia vão encontrar novos empregos e a tecnologia irá desencadear uma nova era de prosperidade; e aqueles que acreditam que o fato levará a um progressivo Armagedom social e político, criando uma escala maciça de desempregos tecnológicos. A história mostra que o resultado provável está em algum lugar médio entre estes dois campos. (SCHAWAB, 2016, p. 42).

A idade das trevas, perdura. “As empresas dominam seus funcionários por meio da vigilância e da ameaça da automação” (BRIDLE, 2019).

Nesta ótica, Civiero e Bazzo alertam que

Os desafios criados pela quarta revolução industrial parece concentrar-se principalmente nas desigualdades e nas preocupações crescentes sobre as injustiças sociais. Como já apresentado, a inovação e a ruptura afetarão nossos padrões de vida e bem-estar, que podem ocorrer tanto de forma positiva quanto negativa. Por isso, as preocupações emergentes da nova equação civilizatória, devem estar voltadas à construção do conhecimento e do capital humano, de modo que possa beneficiar a todos (CIVIERO; BAZZO, 2020, p. 91).

Mas do que trata tal equação civilizatória? O termo é uma metáfora, utilizada por Bazzo, a qual poderia ser “uma panaceia para reunir as mais diferentes variáveis que surgem a todo instante em uma civilização que está vulnerável às mais aceleradas mutações em seu comportamento cotidiano” (2019, p. 21). E, portanto, com as implicações que essas questões trazem à sociedade. Isto é, a premência de “proporcionar reflexões e alterações nas nossas formas de trabalhar o conhecimento em tempos tão sisudos dos problemas humanos”. (BAZZO, 2019, p. 20). Metaforicamente, ao resolver a equação com as variáveis contemporâneas, teríamos como objetivo pelo menos garantir os direitos a dignidade humana.

Ou seja, olhar para essa imbricada relação entre as questões técnicas e humanas e repensar o avanço tecnológico em um sentido de que seus interesses estejam voltados para melhor qualidade de vida para toda a humanidade, e não apenas para um grupo seletivo, como acontece na sociedade moldada pelo capitalismo.

## 4. Sociedade 4.0 em tempos de pandemia

Na estrada da história, há momentos como este em que nos deparamos com obstáculos que nunca imaginamos encontrar. Nesse caminho, podemos ser mais uma pe-

dra ou sermos “marcos de estrada”, que apontam caminhos diferentes rumo a uma sociedade mais humanizada, que faça sentido nesse novo tempo histórico, nessa nova equação civilizatória, capazes de alterar o futuro.

Vivemos em tempos de crise do capital, potencializada pela pandemia da Covid-19. São momentos sombrios, os quais a humanidade nunca experienciou nessa magnitude. Há quem diga que são tempos de guerra. Guerra travestida de pandemia. Todavia, após essa guerra nunca mais seremos os mesmos. Assim, temos duas opções: aprender e atacar ou ser devorados pela máquina mortífera da lógica de mercado.

O cotidiano da produção social foi alterado. De uma hora para outra tivemos que mudar o curso das nossas vidas. O que era rotineiro deixou de existir e para sobreviver foi preciso criar outros processos de interação social. Foi preciso questionar: o que são serviços essenciais? Eu sou essencial? Para muitos foi um choque perceber que não, você não é especial, como já declamado em poesia: “Se desfaça dessa inútil e pesada couraça/ Você não é especial/ A vida é” (VASQUES, 2014).

Se não bastasse o problema econômico, ainda temos que enfrentar o sucateamento da saúde pública. O desenvolvimento biotecnológico resultante da pesquisa básica e aplicada está enfrentando sérios problemas a muitos anos. No momento da pandemia a situação fica explícita.

A tecnociência cumpre um papel importante agora, apresenta equipamentos como respiradores, ventiladores, equipamentos para entubar e fazer respirar os pulmões tomados pelo vírus e, ainda, testes para saber quem está contaminado, quem precisa de isolamento social, na tentativa de salvar vidas. Entretanto, a precarização desse setor, é desvelado, perante a nova situação. Na saúde pública, há muito se vem gritando por socorro, não se têm leitos, tão menos UTIs e trabalhadores da saúde suficientes para atender a população. Pessoas morrem nas filas em espera de atendimento médico antes mesmo do Covid-19 chegar. E agora, com a realidade agravada, como vai ser?

Nesse cenário, o Sistema Único de Saúde (SUS) voltou a estar no centro das atenções como sistema mais viável para acolher os contaminados e na tentativa de controlar a pandemia. Um sistema que traz em sua essência o mais desenvolvido projeto de saúde pública do planeta, mas que, no entanto, está abandonado, sobrevivendo da maneira mais difícil, sem recursos, sem condições de se manter funcional e manter um atendimento universalizado. Diante do desastre total, primeiro em países europeus e agora no Brasil, os médicos se viram na posição de ter que escolher quem vive, com acesso aos equipamentos, e quem morre, por falta dos equipamentos. E, sobretudo, colocar a sua própria vida em risco. Isso é crueldade! Guerra que mais uma vez coloca na linha de frente os inocentes, os trabalhadores.

Em situação equivalente está a educação pública. Sofre o desmonte acirrado nos últimos anos, sempre com vistas à privatização. Uma narrativa propagandeada sobre a educação pública fez com ela caísse no descrédito e fosse possível seu sucateamento somado ao corte de orçamento. Isso em um país que precisa com urgência investir em ciência e tecnologia. Mas onde se produz ciência e tecnologia no Brasil? Sim, estão nas universidades públicas os mais renomados laboratórios de pesquisa.

A universidade pública, como exemplo específico da educação, vem se colocando como instrumento de enfrentamento à pandemia. Ela volta a ser respeitada pelas autoridades como fonte de informação científica confiável e produção de estudos em busca de conhecer o inimigo invisível, imprescindíveis no combate à doença. Mais do que nunca, pelo menos de forma tão explícita e emergencial, as universidades estão demonstrando sua importância para a sociedade. Todavia, será que a sociedade compreendeu que todo dinheiro investido nesta instituição pública, gratuita, de pesquisa e de padrão internacional retorna de forma clara e multiplicada em benefício social? Ou ao abrandar a pandemia, voltarão a ser desacreditadas ou vendidas à iniciativa privada?

Além das universidades, outra instituição teve seu cotidiano alterado radicalmente, a escola básica. Ela foi a primeira a ser fechada. Estudantes, professores e trabalhadores da educação, todos foram enviados para casa. Mas não é tão simples assim. Os esforços na área da educação têm grande repercussão na sociedade e com a máxima “temos que salvar o ano letivo”, profissionais da educação têm se debruçado para evitar o risco de perder o ano letivo, se adaptando e se adequando à nova realidade. Alguns têm questionado se preceitos básicos da educação presencial podem estar sendo abandonados como a necessidade de diálogo, de escuta ativa, de construção coletiva, de perceber como o outro está, de olhar nos olhos, vários elementos que conectam professores e alunos antes de tomar decisões. Outros, querem dar conta, e defendem o uso de aparatos tecnológicos para enfrentar a situação.

Primeiro veio o receio, vamos transformar o ensino presencial, tão defendido para a educação básica, em ensino à distância (EAD)? problematizar a situação é fundamental. O que se criou de forma emergencial em meio ao isolamento são as atividades de ensino remotas. Disponibilizadas nas mais distintas formas. Por um lado, muitas instituições correram para se adequar ao sistema Google, o mais preparado para atender a demanda, devido a empresa ser uma das maiores corporações com investimentos nas novas oportunidades de mercado digital. Agora falar em *classroom*, *meet*, etc. ficou comum em quase todas as famílias que têm acesso à internet. No entanto, acessar tais plataformas exigem uma condição econômica favorecida, e essa não é a realidade da totalidade dos estudantes e, também, de muitos professores.

Observar essa desigualdade de acesso aos mecanismos educacionais durante o isolamento é ponto chave na reflexão pedagógica atual. Primeiras questões: 1. a educação pode ser reduzida ao repasse de conteúdos e listas de exercícios? 2. O uso das tecnologias digitais são apenas emergenciais ou devem fazer parte da formação integral? 3. É possível reproduzir as aulas apenas alterando a plataforma - da sala de aula para uma telinha de algum aparato tecnológico? 4. Existe ensino-aprendizagem de forma remota? Isso nos remete a algumas implicações sobre os princípios fundantes de uma sociedade democrática.

O princípio da dignidade humana, pedra fundamental das constituições pós-guerra, exige um conjunto de valores construídos coletivamente, o que imprime a necessidade do convívio social. Nesse sentido, os encontros proporcionados em sala de aula são imprescindíveis para se poder olhar nos olhos, fazer uma escuta ativa, promover o diálogo, entender como o outro está e promover ensino-aprendizagem reflexivo e crítico, realmente humanizador. Todavia, essas atitudes estão sendo negadas pela distância exigida pelo isolamento social.

## 5. A educação escolar e a tecnologia

Em relação aos educadores, temos dois segmentos distintos. Por um lado, nem todos os profissionais da educação se alicerçam nos parâmetros comentados acima para eleger o que é uma boa aula. Independente dos seres que se apresentavam nas salas de aula, as dinâmicas já estavam previamente definidas, com um conteúdo programático para se dar conta, não sobra tempo para outras distrações. Destarte, a entrega de conteúdos e o depósito de atividades já era corriqueiro. As respostas às perguntas podem ser antecipadas num *chat* ou anexo ao próprio conteúdo, pois já se sabe quais serão. São sempre as mesmas, aquelas induzidas pelo próprio andar das aulas, cujo professor já sabe as respostas, o que lhe assegura manter-se em uma certa zona de conforto. Para esses, transpor suas aulas, do quadro negro ou dos *slides*, para a telinha é simples. Certamente, tem-se alteração para converter o livro didático para plataformas virtuais, o que também requer tempo e habilidades, mas nada tão crucial.

Continua sendo uma mera entrega de tarefas que já era comum nas aulas presenciais, apenas mudou o *locus*. Nessa premissa, o papel dos alunos continua passivo, seus cadernos continuam sendo preenchidos eloquentemente, muitas vezes sem saber para quê. Provas continuam a ser elaboradas e executadas. Para repassar os conteúdos prontos e inquestionáveis, a tecnologia utilizada cumpre seu papel. Para esses docentes, pode ser que quando tudo passar e pudermos questionar ‘e agora?’ a resposta seja que tudo pode se manter como está, pois nada mudou.

De outro lado, estão os professores que organizavam suas aulas não atrelados ao modelo tradicional, não condicionados ao positivismo lógico. Para esses que faziam de suas aulas um verdadeiro laboratório de investigação e provocações, que usavam a arte das perguntas para aguçar a curiosidade epistemológica e criar situações inovadoras um novo desafio se apresenta.

Além da habilidade tecnológica para comandar novos aparatos será preciso inovar, usar mais das tecnologias acessíveis, blogs, vídeos, filmes, *podcasts*, séries, redes sociais e tudo aquilo disponível na internet. Reaprender, criar e buscar alternativas não para mostrar que se está trabalhando e cumprindo a carga horária, mas para dar significado àquilo que se ensina. Buscar nas variáveis contemporâneas materiais para explorar as discussões, mesmo que virtuais. Usar os conteúdos programáticos como uma base para propor investigações, interpretações e reflexões que deem conta de preparar os sujeitos para enfrentar a realidade dessa equação civilizatória.

Mudanças conceituais e epistemológicas se fazem necessárias. O mito iluminista da educação escolar é derrotado por um vírus. Isso só demonstra a enorme ilusão com que boa parte dos educadores conviveram até essa derrota catastrófica. Que esse caos, que nos coloca na zona de risco, sirva para perceber o quão significativo são nossos encontros em sala de aulas.

## 6. Considerações finais

As várias vezes que a humanidade se defrontou com desafios civilizatórios, como na peste da idade média, nas guerras de independência no século XIX, ou mesmo em algumas revoluções do século XX, ocorreram mudanças profundas no modo de organizar a vida cotidiana.

Seria essa pandemia algo desse porte? Parece-nos que não, pois dessa vez a forma cotidiana de existir é organizada por relações capitalistas, em que a produção de valor se faz prioritária. Está muito claro para todos os trabalhadores que dependem da venda de sua força de trabalho que os capitalistas querem priorizar a economia ao invés da vida. No entanto, qual a alternativa ao trabalhador?

Uma grande crise é muito importante para o sistema capitalista, pois nela se pode jogar fora os restos “não essenciais” da vida - ou seja, boa parte das atividades que não geram lucros. Nisso, estão incluídas as escolas públicas, os hospitais, as universidades, os centros de pesquisa, contraditoriamente, exatamente de onde pode sair a vacina ou a cura para a atual pandemia.

Que contradição é essa? Bem, para responder a essa questão teremos que voltar no tempo até a Paris de 1871, quando os *comunards* choravam seus mortos por fuzilamento quando tentaram “assaltar os céus”; até as mães enterrando seus filhos mortos pelo exército branco czarista durante a guerra civil russa após a revolução bolchevique; até os hospitais de atendimento às vítimas dos bombardeios de *napalm* lançados pelos estadunidenses durante a guerra do Vietnã; até os moradores de rua ou trabalhadores em frigoríficos em qualquer cidade brasileira dos dias atuais.

A questão elencada acima, de qual a contradição entre uma crise do capital e os mortos dos eventos históricos citados é a seguinte: 1. O mercado precisa de lucratividade, e algumas atividades não têm esse perfil em sua função de atendimento público, nascem assim os interesses privatistas; 2. Quando os trabalhadores compreendem a situação, normalmente numa situação extrema, protestam contra tal condição; e 3. Ao protestar são dizimados pelos inimigos de classe, os capitalistas, por meios armados, ou simplesmente pelo desprezo total às necessidades básicas de existência.

É por esse motivo que nascem os sindicatos, as cooperativas, as organizações operárias, para salvaguardar os trabalhadores em tempos difíceis, quando as contradições afloram, quando os inimigos de classe querem o nosso sangue derramado ao invés de seus prejuízos.

Dessa forma, na situação atual, e com o aprendizado das derrotas que sofremos, só temos uma alternativa: a mudança profunda de matriz civilizatória. Isso não é possível por dentro do capitalismo, pois ele a cada crise se retroalimenta, se nutre da carne morta para dar vida a seus novos lucros, precisa devorar sua cria para manter sua liquidez econômica. Eis a nossa condição, como criaturas desse sistema. Temos que escolher entre a vida ou a morte. E nós trabalhadores exigimos nosso lugar no mundo e escolhemos a morte do sistema à morte de nossos pais, filhos ou avós. Ao que parece, parte da população escolhe trabalhar, mas isso não é uma escolha, é uma falta de escolha, pois se não o fizer, morrerá por falta de salário. Ora, aqui é que está o segredo do momento, temos que escolher tomar as fábricas, as fazendas, os bancos, as escolas e fazer tudo o que precisamos para continuar vivos.

Até porque, quem escolher manter-se nesse sistema está armado. Sim, aqueles todos que queriam estar armados conseguiram. Estão armados com o vírus do ódio à humanidade, o ódio orwelliano se reapresenta. São os que querem matar seus irmãos de classe, que querem matar os pais e avós de todos nós trabalhadores. Vez ou outra na história esses tipos tiveram suas entranhas penduradas nas entradas das aldeias para demonstrar a força que o “bando comum” tem sobre os indivíduos odiosos que ali tentaram impor o individualismo.

É o momento desse “bando comum” aprender que tudo depende da cooperação e da solidariedade de classe. Nessa crise estão surgindo comitês de solidariedade, organizações de ajuda mútua, vizinhos se conhecendo e se familiarizando, são tempos de aprendizado coletivo. Uma lição dura, complexa, que o Deus Mercado não conseguiu ensinar, pois sua “mão invisível” não está curando, não está salvando, não está fazendo a humanidade progredir. Pelo contrário, o Deus Mercado quer que mais gente morra e que pague seus seguros de saúde para poder aumentar seus lucros.

Como em outros momentos da história foi preciso uma catástrofe humanitária para reaproximar os humanos. Visualiza-se que a solidariedade do “bando comum” é a única ação capaz de fazer que nos mantenhamos vivos. Mas ainda há os que preferem a mão invisível, para talvez abafar a última tosse antes de sua morte lenta e dolorosa diante do altar do lucro e do ódio. ↗

## REFERÊNCIAS

---

BAZZO, W. A. De técnico e de humano: questões contemporâneas. 3. ed. atual., ampl. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2019.

BRIDLE, J. A nova idade das trevas: A tecnologia e o fim do futuro. Tradução Érico Assis. 1ª. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

CIVIERO, P.A.G.; BAZZO, W.A. A equação civilizatória e a pertinência de uma educação insubordinada. RITEM, v. 10, n.1, pp. 76-94, 2020.

CUPANI, A. Filosofia da Tecnologia: um convite. 3 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

MITCHAM, C. Thinking through technology: the path between engineering and philosophy. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

MOROZOV, E. Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018. Coleção Exit.

SCHWAB, Klaus. tradução Daniel Moreira Miranda. A quarta revolução industrial. São Paulo: Edipro, 2016.

VASQUES, J. Recado para colar no espelho. 2014. Disponível em <<https://eupassarim.wordpress.com/2014/05/04/recado-para-colar-no-espelho/>>. Acesso em 30/08/2020.